

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :

CAIRBAR SCHUTEL

SUMÁRIO

Um Grande Movimento	<i>Redação</i>
O Espiritismo e a Assistência Religiosa Ainda e Sempre na Defesa do Es- piritismo	<i>Deolindo Amorim</i>
Vida Orgânica e Vida Anímica	<i>Pereira Guedes</i>
Círculos do Silêncio	<i>Alfredo d'Alcântara</i>
Isto também é Caridade	<i>Arnaldo S. Thiago</i>
A' Bezerra de Menezes	<i>Maj. Levino Cornélio Wischral</i>
Pelas Sendas do Mistério	<i>Leopoldo Machado</i>
Um Caso de Possessão	<i>Dr. J. W. Vedor</i>
Mais um Fenômeno de «Poltergeist»	<i>Arnaldo S. Thiago</i>
Finalidades Cristãs dos Congressos	<i>Max Kohleisen</i>
Crônica Estrangeira	<i>J. B. Chagas</i>
Espiritismo no Brasil	<i>Redação</i>
	<i>Redação</i>

Obras mediúnicas recebidas pelo
médiun Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Nosso Livro
Pão Nosso
Emmanuel
Nosso Lar
Renúncia
Voltei
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Vinha de Luz
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Falando à Terra
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas do Evangelho
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE À
VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* ✎ REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas : Rua Rui Barbosa, n. 673

Um Grande Movimento

O progresso da Doutrina Espírita em quasi todo mundo, e sobretudo no Brasil, considerado pelo esclarecido Espírito de Humberto de Campos Coração do Mundo e Pátria do Evangelho, não pode ser mais auspicioso, o que quer dizer que num futuro próximo a sua difusão alcançará uma altura tão elevada que as religiões mundanas, tidas como oficiais pelos seus sacerdotes, desaparecerão como bolhas de sabão, em face dos fatos e da lógica, que constituem o que as criaturas honestas e sinceras podem almejar — a Verdade.

Chegou o tempo da humanidade compreender os seus erros e tomar o rumo certo de uma existência digna de ser vivida. As obras dos nossos ancestrais, suas crenças, seus hábitos, defeitos e virtudes devem nos servir de experiências para escolhermos o melhor ou o verdadeiro caminho que nos conduz aos tabernáculos eternos. E essa tarefa não está unicamente afeta à Doutrina Espírita, mas sobretudo às criaturas, que devem procurar o melhor, o que está de acordo com a razão, com os fatos e com a lógica, nunca se esquecendo que Deus concedeu o raciocínio a todas as criaturas, afim de que, pelos seus próprios esforços, subam os degraus da Escada Infinita da Perfeição, concedendo-lhes ainda, o livre arbítrio, do que resulta o mérito ou demérito de suas obras.

O movimento espírita no Brasil está ultrapassando a nossa expectativa, pois ha poucos anos atrás não supunhamos que o Espiritismo avançasse tanto em tão pouco tempo. Sabiamos, como sabemos, que sendo êle obra do Alto, mais cedo ou mais tarde teria que conquistar milhares de almas para Deus, mas não em tão pouco tempo como o está fazendo.

As criaturas de boa vontade, numa ação conjugada com os Espíritos incumbidos de espiritualizar a humanidade, estão se empenhando a fundo para que o Espiritismo avance sempre e cada vez mais em todas as direções, em cumprimento das profecias de Jesus. Sem tirar, é claro, o livre arbítrio de cada um, os Espíritos do Senhor inspiram os bons obreiros, os quais estão sabendo aproveitar as dádivas do Alto. E' assim que, enquanto os Espíritos provocam ou reproduzem os mais variados fenômenos, aproveitando-se de excelentes mediunidades, como por exemplo a de Francisco Candido Xavier e outros, as criaturas elaboram planos, programas, etc., afim de que a Doutrina se difunda por todos os meios possíveis, pelo estudo, pelas obras assistenciais, pelo rádio, pela imprensa, pelo livro e até pelo teatro, uma nova modalidade para mostrar o seu valor na moralização da Arte, elevando os sentimentos e alargando a inteligência.

Um dos movimentos mais notáveis

realizado ultimamente foi o da Quinta Concentração de Mocidades Espíritas em Campinas, movimento que teve ampla repercussão nos meios espíritas não só pela sua grandiosidade como pelos objetivos alcançados e pelo espírito de fraternidade e compreensão que reinou entre todos os que participaram desse importante certame, o que podemos chamar de autêntico festim espiritual. Os profanos e os indiferentes tiveram a oportunidade de verificar mais uma vez a força do Espiritismo, que não é medida pelo número, mas sim pelos seus exemplos de fraternidade e solidariedade, pela sua cultura, enfim pelas suas obras, que se não são maiores é porque provavelmente já atingiram o ápice do que de bom se póde realizar no plano terreno.

Tivemos a oportunidade de observar que nessa concentração, um movimento de vulto pela sua magnitude e finalidade, compareceram, além da mocidade espírita do Brasil Central e do Estado de São Paulo, destacados líderes do Espiritismo no Brasil, os chamados velhos, que de maneira brilhante prestaram decidido apóio aos moços com a sua experiência e o seu entusiasmo sempre moço e cheio de vida.

A proxima Concentração será em Uberlândia, quando então teremos a oportunidade de registrar mais um grande movimento Espírita, que fincará mais um marco no caminho do progresso da Doutrina Espírita, o Paracleto da Promessa de Jesus.

O Espiritismo e a Assistência Religiosa

II — Capelão espírita ?

No artigo anterior, depois de havermos transcrito, em parte, o parecer do deputado Ebenezer Cavalcanti sôbre a criação do cargo de capelão católico na Polícia Militar da Bahia, fizemos a seguinte pergunta : «pode o Espiritismo ter capelão ?» Naquele artigo apenas tratamos do aspecto constitucional da questão, á luz do brilhante parecer do deputado relator da matéria ; neste artigo, porém, vamos apreciar o aspecto religioso em suas relações com o Espiritismo. Parece-nos necessário explicar, em resumo, a origem do assunto. Foi apresentado à Assembléia Legislativa da Bahia um projeto em que se criava o lugar de capelão católico na Polícia Militar daquele Estado. O Deputado Ebenezer Cavalcanti, relator do projeto, não concordou com a preferência dada à Igreja Católica, em detrimento de outras religiões, por entender que, sendo todos os cultos religiosos iguais perante a Constituição Federal, o projeto deveria criar também capelães de outras comunidades. Em tese, como já vimos no artigo anterior, o deputado bahiano tem opinião absolutamente contrária á existência de capelães militares de qualquer espécie ; desde, porém, que se resolve ad-

mitir um capelão católico, então que se admitam, ao mesmo tempo, capelães de outras religiões, porque a Constituição Federal não faz distinção entre os diversos cultos, uma vez que todos eles são iguais perante a Lei Magna do país. Dentro dêste argumento, aliás muito lógico, o parlamentar baiano fez referências aos espíritas, protestantes, etc., para sustentar a tese de que os outros credos têm direito a reclamar capelães nas Corporações Militares. A tese está certa em face da Constituição. Não se pode fugir dêste raciocínio : se todas as religiões são iguaes, segundo a Constituição da Republica, se existem crentes de outras religiões na Corporação, não é justo que haja capelão exclusivamente de uma religião. Até aqui, o lado constitucional do problema ; agora, o lado religioso.

De que forma deve ser prestada a assistência religiosa aos espíritas, nas corporações militares ? Por intermédio de capelães ? Eis aí o ponto nevrálgico da questão. Ainda que se negue ao Espiritismo o carácter de religião, por não ter sacerdote, nem ritual, os espíritas não podem nem devem, na condição de militares, ficar em situação inferior aos outros homens de crença. Apesar disto, a situação é muito mais difícil do que parece,

porque a organização do Espiritismo não constitue uma forma de culto em que se possa instituir *capelão*, por duas razões principais :

- 1.^a — porque não existe, no movimento espírita, instituição tipo seminário para formar capelão equiparado aos padres e pastores protestantes ;
- 2.^a — porque o capelão militar tem um título (padre ou pastor), devidamente formado nos quadros de sua religião, enquanto o Espiritismo, pela própria índole da doutrina, repele qualquer forma de organização sacerdotal.

Diante disto, cabe uma pergunta : a quem, neste caso, deveria ser dada a incumbência de prestar assistência aos soldados espíritas nos quartéis? O Espiritismo não tem *capelão*. Como resolver o problema? Vamos admitir, como simples hipótese, que amanhã ou depois, por uma questão de equidade, o Congresso resolva criar capelães espíritas nos quartéis, considerando que existem muitos soldados e oficiais espíritas nas diversas guarnições do país. Posta em termos de lei a hipótese, qual a instituição que estaria autorizada a fornecer ou indicar os capelães espíritas? Temos aí apenas um aspecto. Há porém mais dois aspectos importantes : o doutrinário e o financeiro. Vamos por partes. Sob o ponto-de-vista estritamente doutrinário, já se sabe que o Espiritismo, por sua natureza, é incompatível com a hierarquia sacerdotal, o que lhe impede, portanto, de adotar *capelães* para a assistência espiritual aos seus adeptos. Sabe-se muito bem que o Espiritismo não confere títulos de espécie alguma. Logo, seria difícil senão impossível encontrar um espírita que quisesse usar o título de *capelão*, ainda que a tanto fôsse obrigado por disposição legal. Há países onde seria muito natural a existência de *capelão* espírita, como a Inglaterra, os Estados Unidos, por exemplo, visto como nesses países há Igrejas e *pastores* espíritas. No Brasil, entretanto, a situação é outra, porque neste país o Espiritismo não tem feição de igreja, não forma *pastores* nem *reverendos* e, justamente por êste motivo, o título de capelão, para nós, espíritas, seria uma aberração.

Se, como estamos vendo, pelo lado doutrinário é impossível admitir a existência de *capelão* no Espiritismo, pelo lado moral a questão ainda se torna mais grave, porque todos os serviços espirituais, segundo o Espiritismo, devem ser prestados *gratuitamente*, ao passo que os capelães militares são pagos pelos cofres do Estado. A função de capelão oferece duas vantagens que estão em desarmonia com a orientação do Espiritismo no Brasil : a) honras e regalias equivalentes às de oficial (capitão); b) vencimentos iguais aos de oficial do posto equivalente. Em primeiro lugar, não ficaria bem para um espírita, de acôrdo com o Evangelho, desfrutar de distinções especiais, honras e regalias apenas porque presta assistência espiritual a seus irmãos, serviço que constitúe simplesmente um *dever* e nada mais ; em segundo lugar, a moral espírita, que é a própria moral do Evangelho, repele incondicionalmente qualquer forma de pagamento por serviços de ordem espiritual. Como poderia, em face destes princípios, um espírita, na qualidade de *capelão* (caso existisse capelão espírita), conciliar o ensino evangélico e as vantagens financeiras decorrentes da função religiosa de capelão? Ninguém, em nome do Espiritismo, pôde receber dinheiro por serviços espirituais. Não encontramos, portanto, argumento que justifique a existência de *capelão* no Espiritismo.

Como, então, seria prestada a assistência religiosa ou, para dizer melhor, a assistência espiritual aos militares, adeptos do Espiritismo, quando estes necessitassem de assistência ou conforto espiritual? Qualquer espírita compenetrado de seus deveres morais, devidamente identificado, poderia e poderá prestar assistência a seus irmãos, nos quartéis, sem ser necessário o título de capelão, nem insígnias, nem honras militares. Simplesmente como espírita, como um cidadão comum, qualquer um de nós, quando houver necessidade, pôde prestar assistência, pôde levar conforto espiritual a seus irmãos e, assim, cumprir um dos mais nobres deveres morais : o exercício da caridade espiritual. Se a Constituição do Brasil assegura a igualdade de cultos, se a Constituição prescreve sabiamente o respeito a todas as crenças, os espíritas devem ter direito de, sempre que houver necessidade, entrar nos quartéis, nos hospitais, etc, para levarem assistência espiritual àqueles que participam de suas idéias,

que professam a sua crença. E' nisto que consiste o princípio da IGUALDADE de todos os cultos perante a Constituição. Assim como o soldado católico ou protestante tem direito de pedir a assistência espiritual do padre ou pastor de sua religião, o soldado espírita, por equidade, também deve ter o direito de pedir essa assistência a um representante de sua doutrina. Para isto, porém, não é necessário que se dê a esse representante título de *capelão* espírita ou que se lhe pague qualquer importancia para desempenhar uma função espiritual que já é inerente à condição de espírita. Todos nós sabemos que, para prestar assistência espiritual a quem quer que seja, para levar uma palavra de conforto a alguém, seja onde fôr, o espírita não carece de situação especial, e, muito menos, da qualidade de capelão.

Agora, para concluir, vamos repetir a pergunta inicial dêste artigo: — de que modo deve ser prestada a assistência religiosa aos espíritas, quando nas corporações armadas, uma vez que o Espiritismo não tem capelães? Simplesmente por

intermédio de qualquer espírita de boa vontade, que possa ir aos quartéis ou hospitais levar as luzes da doutrina a quem dela tiver necessidade. Para isto, que é um ato natural, comum, e até rotineiro na atividade espírita, não é necessário que haja capelão espírita, tanto mais que todos os serviços espirituais — e assistência moral é o maior deles — *devem* ser prestados gratuitamente, como ensina o Evangelho. Para que e por que, neste caso, capelão espírita, se, em face da Constituição, podemos levar assistência espiritual aos nossos irmãos militares, desde que eles desejem receber a nossa assistência? Dentro do princípio da *Igualdade* de cultos, tão brilhante e seguramente defendido na Assembléia Legislativa da Bahia pelo Deputado Ebenezer Cavalcanti, podemos muito bem, quando necessário, prestar assistência espiritual nos quartéis, desde que reclamada a nossa presença, sem qualquer outra qualidade a não ser a de espíritas.

DEOLINDO AMORIM.

(Conclusão).

Ainda e Sempre na Defesa do Espiritismo

PEREIRA GUEDES



Espiritismo está hoje, no Brasil, atravessando uma fase de decadência avassaladora.

Por maiores que sejam os nossos esforços no sentido de impedir a conspurcação a que está sendo levado, mesmo ante o crescimento, como se verifica nestes últimos tempos, do número dos que se incorporam às nossas fileiras, o dos que lutam realmente e com tenacidade pela defesa do patrimônio sagrado, que a Doutrina para eles representa, é muitíssimo menor.

Velhos pregadores, homens de responsabilidade, que há longos anos vêm se dedicando ao estudo, à prática e a propaganda do Espiritismo; que acompanharam como nós, bem de perto, as maiores figuras representativas dêsse movimento em nossa terra, são hoje instrumentos de cabotinos e de aventureiros semianalfabetos, que conscientemente enxovalham a Doutrina.

Ontem eram uns poucos, médiuns

e médicos, que exploravam à sombra da Doutrina, as criaturas de boa fé.

Hoje, além desses, cresce o número dos insensíveis que, a pretexto de servirem à Doutrina, servem, ao contrário, aos que exploram o povo em nome da Doutrina.

A conduta exemplar de sábios modestos como Bezerra de Menezes e de outros que lhe seguiram os passos e fizeram da maior instituição — a Federação Espírita Brasileira — uma fortaleza inexpugnável, quem ousará ressaltá-la, ante tanta falta de pudor?

Quem poderá recordar os discursos demostenianos do paladino invicto Viana de Carvalho, sem cair na antipatia de todos aqueles que prestigiam hoje os vilipendiadores do Espiritismo?

Quem dos espíritas de agora, em mais evidência, se poderia comparar à humildade e ao valor moral de um Pedro Richard?

Quem, como médium ou como espírita, fez mais do que Francisco Cândi-

do Xavier, o mais humilde e o mais cor-tejado e tentado de todos os homens do Brasil? Entretanto, Chico Xavier não saiu pedindo para dar, não construiu hospitais, creches, asilos; não organizou nenhum programa de rádio, nem distribuiu donativos de Natal, mas, nem por isso deixou de ser a maior fonte de ensinamentos evangélicos, o maior exemplo de virtudes cristãs! Imitá-lo quem há-de, nesta hora de tanto cabotinismo?

Quem seria capaz de conduzi-lo ao microfone de uma estação de rádio e consagrá-lo com o título pomposo de «honra ao mérito»? Ninguém!

Para a defesa do Espiritismo, hoje malbaratado, a nossa pena de modesto cronista independente, qual espada de lutador convicto, não será jamais vencida sem que outras mais destemidas e poderosas, em golpes mais seguros e mortais, venham espedaçá-la, provando que tudo quanto temos dito não passa de ilusão ou despeito, como sussurram atrás da pórta. Mas, que venham!

Não fizemos nada até hoje, é certo. Em trinta e dois anos de estudo e pregação da Doutrina, ininterruptamente, nunca pensamos que, depois de quasi velho, tivéssemos que nos empenhar em luta contra aqueles que hoje fazem do Espiritismo cristão uma esterqueira, fazendo-a passar por um novo estábulo de Belém.

Mas, não importa. Havemos de lutar com o mesmo ardor com que temos lutado para a defesa do patrimônio sagrado, tal como temos lutado para a divulgação da mais libertadora de todas as doutrinas.

Esta é a nossa maior tarefa, embora estejamos em minoria. Outros virão depois incorporar-se ao nosso bloco de libertadores, que há de crescer e tornar-se maioria para a vitória que se avizinha.

O Espiritismo que teve e tem em suas fileiras, homens e mulheres valerosos que viveram e vivem para a Doutrina, não poderá circunscrever-se aos que vivem da Doutrina, como se o Espiritismo fôsse palanque de saltimbancos que, em circos de cavalinhos, recebem da

claque adredemente instruída para os primeiros aplausos que pouco a pouco vai contaminando os auditórios, para a consagração do palhaço.

Exemplo de capacidade moral, intelectual e sobretudo de trabalho, tivemos na figura varonil do apóstolo de Matão — Cairbar Schutel — o espírita de maior independência do seu tempo e organizador da mais perfeita instituição propagadora do Espiritismo no Brasil, sem desmerecer a obra da Federação.

Desde quando se propala que a Federação Espírita Brasileira é um carro do século passado, emperrado em meio do caminho, a impedir o avanço dos que desejam progredir? Entretanto, a sua conduta se impõe como roteiro do Espiritismo no Brasil.

Em mais de três decênios de atividades espíricas, temos assistido de perto, não só o movimento das insituições como as atitudes dos homens. Podemos, pois, falar do que estamos observando.

A Federação, como instituição de responsabilidade na difusão da Doutrina e com o seu passado limpo a defender e resguardar, não emprestará jamais nenhum apôio aos que, à frente de outras instituições enxovalham o Espiritismo, preferindo é certo, parecer-se com o carro de bois em marcha lenta a desvirtuar-se em arrojados empreendimentos contrários ao seu programa.

Não importa, repetimos, que aparentemente estejamos pregando no deserto e que estejamos em minoria com o nosso bloco de defensores da Doutrina; pois, amanhã outros hão de vir engrossar as nossas fileiras e juntos lutaremos para a reconstrução do Templo conspurcado, e, nêsse dia todos compreenderão o acêrto daqueles que preferem a lentidão dos passos seguros e precisos, aos vôos incertos ou as aventuras denunciadoras de propósitos malsãos.

Do nosso mirante de observador independente, estamos alertando, e, amanhã, quando soar a hora das decisões supremas, as nossas palavras constituirão a denuncia antecipada aos que, ao invés de conservarem, dilapidaram o patrimônio sagrado.

Sêde perseverantes no estudo e prática da doutrina, mantendo assim sempre ligado com o Alto o vosso espírito, lembrando-vos sempre da humildade, da paciência e da caridade, que constituem poderosa corrente. — CAMARGO.

Vida Orgânica e Vida Anímica

ALFREDO d'ALCÂNTARA

«Póde existir o corpo sem a alma?», perguntou Allan Kardec a um dos Espíritos instrutores que se empenhavam na construção dêsse monumento de filosofia que se chama «Livro dos Espíritos». E êle respondeu: «Sim, e, todavia, logo que o corpo cessa de viver, a alma o abandona. A vida orgânica póde animar um corpo sem alma, mas a alma não póde habitar um corpo privado da vida orgânica».

Isto vem a propósito de um telegrama de Roma, que os jornais publicaram no princípio dêsse mês, dando conta de uma façanha médica ali realizada, que logrou grande repercussão por ser a primeira que na Itália se pratica, mas, de certo modo, banal em outros países, como América do Norte, França, etc., Leiamos o citado telegrama: «Roma, 6- O Professor Emanuel Scavo, diretor do Instituto de Anatomia, estava amputando uma perna do Sr. Arthur Seeber, suíço, de 51 anos, quando o coração dêsse parou por efeito de uma síncope inesperada. O operador, incontinenti, abriu a caixa toraxica e fez massagens diretas no coração que, ao cabo de 15 minutos, recomeçou seus batimentos normais, mas a respiração só se restabeleceu 45 minutos depois». Infelizmente, no dia seguinte, outro despacho da mesma procedência anunciava que o redivivo não recuperara a consciência, parecendo aos médicos, que as células cerebrais estavam morrendo, e, de facto, algumas horas depois seu coração parou definitivamente.

Em Novembro de 1949, um outro caso da mesma natureza, despertara atenção do mundo científico. Em Lille, na França, o Dr. Soulier, do hospital local, reduzia uma fratura de um paciente cardíaco, quando êste foi fulminado por uma síncope. Aberto o torax, o operador applicou-lhe massagens no coração e as pulsações recomeçaram depois de dez minutos. O operado foi colocado em um pulmão de aço e alimentado a sôro glicosado, mas nenhum dos seus órgãos sensoriais funcionou e sua cabeça parecia não ter voltado à vida com o resto do corpo. Os clínicos do hospital declararam logo que êle estava com ence-

falite, portanto, cientificamente morto. E tinham razão, pois, decorridos três dias, aquêle coração parou para nunca mais bater.

Estudemos estes casos em face das duas modalidades científicas: a materialista e a espírita.

O que é Vida? A ciência materialista não sabe. Conhece-a como um fenômeno physio-químico, porque nas suas investigações constatou que há uma energia, não definida, fazendo parte integrante do protoplasma das células, que desaparece quando o protoplasma se extingue. Em vista disso, lançou o seguinte axioma: «Sem protoplasma não há vida, sem vida não há protoplasma». E ficou nisto até hoje.

A ciência espírita vai mais longe e identifica a vida com o fluido vital, que é uma modificação do fluido universal, elemento energético, onde os mundos e as coisas se encontram mergulhados. Admite mesmo que o protoplasma não é mais que o próprio fluido vital, numa forma particular, circundando o núcleo da célula, o que a faz concordar com o axioma materialista citado. Como, porém, êsse fluido vital não póde agir sem o concurso da célula, e esta precisa nutrir-se para manter-se em atividade, os globulos vermelhos, que são células volantes arrastadas na torrente de plasma, incumbem-se de apreender os alimentos e o oxigênio necessários para levá-los à intimidade dos tecidos. O coração é o órgão encarregado de impulsionar o sangue contendo tudo isso, pelas artérias, fazendo as vezes de bomba premente, e trazê-lo de volta, pelas veias, exercendo as funções de bomba aspirante, para que se reabasteça de princípios alimentares, se liberte das impurezas transformadas em gaz carbônico e readquira nova porção de comburente destinado a queimar as substâncias que produzem o calor necessário às vibrações moleculares. Se êsse trabalho é interrompido, as células de todo o organismo podem manter uma atividade decadente por algum tempo, aproveitando as energias acumuladas, mas logo caem em deliquio e morrem.

A técnica de massagens no coração, para restituir-lhe o funcionamento, acidentalmente interrompido, representa uma grande conquista da ciência moderna. Todavia, é raro que o êxito integral corôe o resultado de uma operação dessa ordem. Quasi nunca o paciente volta à plenitude da vida. A sua ressurreição fica adstrita a vida vegetativa e sempre de forma precaríssima. Por que ?

A ciência materialista não responderia a esta pergunta porque não cogita de outra coisa além do que diz respeito a vida orgânica. Ela fala em alma, em sub-consciente, em vida vegetativa e animal porque sente a existência dessas coisas, mas não as pôde definir nem explicar de modo convincente porque não as viu, não as pôde submeter a pesquisas de laboratório. De escalpêlo em punho insiste em rebuscar os refohos do cérebro para conhecer como se realizam as reações químicas que se transmudam em pensamento e inteligência no homem, segundo a sua inconseqüente teoria.

Nós, entretanto, poderemos afirmar que esses mistérios não serão devassados enquanto ela não se dispuser alcançar a inteligência suprema do universo, que é Deus, e, tomando-a por ponto de partida, prosseguir nas suas pesquisas.

Além da vida orgânica temos uma outra que palpita em nós, não sofre modificações de espécie alguma, nem se extingue ; brilha perenemente como a luz do Sól. E' dela que emana o pensamento, o raciocínio, a inteligência e a energia volitiva. Não precisa da matéria para entretê-la, de vez que faz parte integrante da substância sutil de que se compõe a Alma e, como esta, é eterna. Não é demais, portanto, denominá-la «verdadeira Vida».

Quando a Alma abandona o corpo, êste pode conservar um arremedo

de vida, uma vida puramente vegetativa, porque, aos animais, do protozoário ao homem, se destina uma vida integral, vegetativa e de relação, que se conjugam durante o ciclo terráqueo. Só o vegetal tem, como normal, a vida simplesmente vegetativa, de vez que não lhe cabe possuir Alma, entidade independente, com personalidade e relativo livre-arbitrio, que já existia desde muito quando surgiu o organismo animal que ela se encarregou de dirigir, e a êle sobrevive para novas etapas de progresso em encarnações sucessivas.

Está, pois, compreendido porque as massagens no coração quase nunca reintegram o paciente na plenitude da vida. Para que o operador consiga, pela vibração, produzir calor e conseqüente eletricidade que movimentem o coração, decorre sempre o tempo suficiente para que as células do cérebro gastem a energia vital acumulada em seu protoplasma, caiam em delíquio e morram, por falta de nutrição que o sangue não pôde, a tempo, conduzir até lá. Nesta altura a Alma abandonou o corpo, e a êle não mais voltará, porque sentiu que a vida orgânica se exaure e morre precisamente no ponto em que ela se aloja para exercer o seu comando: o CÉREBRO.

Quando a técnica se aperfeiçoar a ponto de permitir que o operador, em casos tais, consiga fazer funcionar o coração antes que a Alma, a «verdadeira vida», tenha abandonado o corpo, teremos o prazer de apreciar a ressurreição completa, quase igual as que Jesus, o Cristo, realizou durante sua perigração pela Judéia.

O orgulho da ciência oficial precisa ser contido, para que o progresso intelectual da humanidade se faça mais depressa.

Abril de 1952.

CICLOS DO SILÊNCIO

*No silêncio do Cosmos, ab eterno,
Milhões de mundos turbilhonam, correm,
Transpondo espaços siderais, concorrem
Para o concêrto universal, superno.*

*Em nosso mundo, qual no escuro averno,
Lavas ardentes no seu imo escorrem
E à superfície os dias maus transcorrem,
Na balbúrdia da dôr, do cáos interno !*

*Partícula do Cosmos, silenciosa,
E' a Terra, entretanto, uma ruidosa,
Uma tremenda forja incandescente !*

*Uma forja onde, ao rubro da amargura,
Vai o sêr procurando alçar-se à altura,
Ao silêncio do Cosmos, eternamente.*

Arnaldo S. Thiago.

Isto também é Caridade

Estávamos nos minutos finais de uma sessão espírita. O mentor invisível já se despedia com o seu costumeiro «que Deus nos abençoe», quando da assistência partiu retardada pergunta, causando certo murmúrio de descontentamento, pois, a noite já ia alta.

«Como devo praticar a caridade?» foi a pergunta feita por pessoa humilde, cujo semblante denotava não se satisfazer com as usuais explicações.

Contrariando habilmente a vontade dos presentes, julgou o guia espiritual propício o momento e bem oportuna a pergunta; por isso mesmo, sem delongas, entrou a responder. Ouçamo-lo:

«Grande parte dos que aboletam igrejas, templos e centros espíritas, rouba, a si mesmo, precioso tempo. Mais úteis seriam se, amando instruissem e educassem os familiares no santo apostolado doméstico. Comparecem com religiosa assiduidade às reuniões para atenderem, tão só, a mero e instintivo hábito de consequências tediosas. Com isso sacrificam o convívio no mais sublime ponto de reunião criado por Deus sobre a face da terra — o lar. Fogem dêsse divino ambiente como criminosos se afastam apressados de suas vítimas. Se ao menos nos santuários vibrassem com bons e puros pensamentos... Fazei no lar a vossa sagrada igreja e praticai aí o Evangelho. Caridade pois, para os enfastiados do lar já que os dogmas, de ordem social, os retêm à mesa do jôgo e nos salões de «boites» e cabarés. Sobrarão alguns minutos para o lar?»

Desde vidas transátas, isto é, de recuadas encarnações, vem o nosso espírito ouvindo, sem cessar, imperturbável e indiferente, os ensinamentos do Mestre. Há perto de dois mil anos, bate o Evangelho na mesma tecla a ponto de nos tornar insensíveis os órgãos auditivos.

Contudo, nada aprendemos até hoje. Nunca levamos a sério o «amai-vos uns aos outros» a não ser para exigí-lo de outrem. Nas igrejas e centros, quando êsse tema é esplanado, imaginamos logo, entre os fieis presentes, os únicos cordeirinhos inocentes. Chegamos a nos sentir, oh, crassa presunção!

como níveis seres alados superiores até aos próprios arcanjos.

Aí fóra porém, nas ruas e praças públicas, no justo lugar do aprendizado fraterno, em contáto com os nossos irmãos em luta pelo progresso, confessamo-nos hienas que se entredevoram num louco apostar de quem mais queira mal ao próximo.

Até quando Deus nos suportará assim? Acaso aguardamos novos nascimentos de Jesus?

Sufrimento e dôr merecemos, a título de caridade, para nossa estúpida incômpreensão.

Há os que desperdiçam valiosas oportunidades mortificando-se em cipoais sem fim, julgando poder pelo chamado justo raciocínio, escolher e professar a verdadeira religião capaz de restaurar o tremendo período caótico em que mergulhamos. Assistimos aos últimos estertores da moral. Nunca houve período histórico tão desordenado.

Digo-vos: Ide depressa acudir a humanidade agonizante.

Que nenhuma religião vos seja estôrvo. Segui e professai a síntese das religiões, a que Jesus exemplificou. Ela não tem ritos, nem dogmas, nem liturgias e nem é de culto externo. É tão humilde que nem possui nome, o Divino chamou-a simplesmente — Amor.

Se cumprirdes o significado desta palavra podereis até renunciar o catolicismo, o protestantismo, o espiritismo ou outra qualquer crença ou doutrina. Sêde até, se o desejais, materialista ou ateu, não importa. Ouvi, porém! que nunca se apague de vossa memória o amor pelo próximo, afeição essa que vive eternamente no imo de qualquer ser. Esta fórmula milagrosa tudo resolverá e é plenamente suficiente. Assim procedendo sereis caridoso. Jamais o Pai necessitou tanto da volta urgente de seus filhos pródigos.

Tristemente nos acena o terceiro milênio a cujas portas estamos. No lento escoar do tempo, continua ressoando, sem nenhum proveito, dos púlpitos asseitinados e das tribunas em destaque a oratória sagrada da doutrina de Cristo.

Homens de Deus! não mais pregai o Evangelho. Não desperdiceis vosso tempo em terreno estéril. A palavra evangelizadora não mais encontra eco, petrificaram-se os corações. Que fazer? Experimentai modalidade diferente; ide, isto sim, ao encontro dos homens em todas as direções para observardes se, pelo exemplo das vossas boas ações, podeis conseguir o que através estudados discursos não pôde ser alcançado durante séculos.

Estamos na época de transformar em ações as palavras do Divino. Caridade para os moucos e os amarrados a cânones religiosos.

Ao folheardes os vespertinos repugna-vos, conforme sempre ouvimos, os detalhes de crimes asquerosos, impressos em letra vermelha que mais parece o sangue das vítimas.

Ao progresso veloz da ciência não pôde acompanhar a moral que, penosamente, continua rastejante.

Do modesto noticiário de então relatando transgressões do 5.º Mandamento, ostentam-se hoje páginas e mais páginas repletas de satânicos pormenores do «Não Matarás». E' o vivo retrato diário destes dias conturbados.

Dizeis, por serdes cristãos, que isso vos repugna. Mas, não vos repugna, por acaso, o «não matarás» o cabrito ou o perú natalino? Não vos repugna, porventura, a pulga ou o piólho que astutamente perseguis para estalar, com satisfação, entre as unhas?

Que instrutores religiosos, sábios ou cientistas, teriam se aventurado a estabelecer gradações relativas a ampla lei de Deus que determina: «Não Matarás?»

E' só ao semelhante que se não deve matar? Meditai; pedi luzes e caridade para os interpretes das Escrituras.

Caridade é também deixarmos o conforto do lar para sentirmos de perto o desconforto do irmão triste e desalentado recluso em sombria cela de manicômio ou penitenciária.

Caridade é consolarmos sem palavras ao leproso, pois, são inexistentes para seu sofrer.

Caridade é enxergarmos nossa irmã na megera que se confunde com o lodo da sargeta e na que mercadeja o amor.

Mas, perguntareis: «Pequeninos como somos conseguiremos tudo isso?» E por que não? respondo eu! Nem aos maus falta o auxílio dos céus; que fará aos que bons desejam ser.

Se o desânimo vos magoar algum dia, colocai-vos concentrados em meditação afim de auferirdes novas energias do Alto. Falai então, não aos homens que vos confundirão mas, às flores, aos animais, às ondas do mar, aos astros e eles vos alegrarão com sua linguagem muda e sábia.»

Assim finalizou o guia espiritual a sua preleção, considerada algo revolucionária pela assistência.

Dir-se-ia: Ferir para despertar? Contestar para obrigar a meditar? Será isto também caridade?

Confortou-nos apreciar, a mesma pessoa humilde, causadora da «importuna» pergunta, receber felicitações da assembléia, numa atmosfêra de indefinível júbilo.

Major Levino Cornelio Wischral.



Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.º ano Cr. \$50,00	Do 4.º ano Cr. \$ 50,00	Do 5.º ano Cr. \$ 50,00
Do 6.º ano . . 50,00	Do 7.º ano . . 50,00	Do 8.º ano . . 50,00
Do 10.º ano . . 50,00	Do 11.º ano . . 60,00	Do 12.º ano . . 60,00
Do 13.º ano . . 60,00	Do 14.º ano . . 60,00	Do 15.º ano . . 70,00
Do 16.º ano . . 80,00	Do 17.º ano . . 60,00	Do 18.º ano . . 60,00
Do 19.º ano . . 60,00	Do 20.º ano . . 60,00	Do 21.º ano . . 60,00
Do 22.º ano . . 60,00	Do 23.º ano . . 60,00	Do 24.º ano . . 60,00

A' Bezerra de Menezes

LEOPOLDO MACHADO

No 52.º aniversário de sua desincarne

À trinta anos, quando aceitamos o Espiritismo, foi Bezerra de Menezes o nome e a figura que mais nos impressionaram. Chegamos a chamá-lo o «Velhinho de ouro do Espiritismo no Brasil».

Há, em nosso Colégio, desde sua instalação, a *Sala Bezerra de Menezes*.

Houve um tempo em que andamos dirigindo uma série grande de operações fluidicas, com cinco médiuns curadores apreciáveis, de absolutos resultados, trabalhos realizados do Alto por Bezerra de Menezes.

O LAR DE JESUS tem o Velhinho de Ouro como o seu médico espiritual, trazendo no dormitório a efígie de *Vovô Bezerra*, como o chama a criançada.

E, na longa excursão da *Caravana da Fraternidade*, que nos levou até Manaus, sua assistência espiritual e suas comunicações toram as melhores provas do excelente caravaneiro espiritual que ele foi.

Somos, parece, velhos conhecidos de outros tempos. Ele, claro, num plano superior e nobre...

* * *

Nascera abastado e de família acreditada no Ceará.

Mas, fôra menino pobre, ao entrar, aos cinco anos, para a escola.

Aos 13 anos ensinava latim, com eficiência, no collegio em que aprendera.

Chegava, aos 20 anos, ao Rio, com trinta e oito mil réis a custo ajuntado, para fazer o curso médico.

Fê-lo, só Deus sabe com que sacrifício, a estudar na Biblioteca Nacional e a trabalhar. Na época dos exames, que é do dinheiro da taxa para paga-los? Foi quando lhe surgiu um aluno inesperado, que toma com ele um curso de matemática, pagando adeantado, exatamente a importância dos exames a pagar no dia seguinte, para nunca lhe aparecer ás aulas...

Nunca teve facilidades de vida.

Mesmo assim, fez-se médico. Um médico diferente, porque para ele o «médico verdadeiro não tem o direito de acabar a refeição, de escolher a hora, de inquirir se é longe ou perto». O que não

procede assim, continua dizendo, «é o desgraçado que manda para outro o anjo da caridade que lhe veio fazer uma visita...»

Daí, naturalmente, o «Médico dos Pobres», por que ficara chamado.

E o era, efetivamente.

No seu consultorio, quando aparecia a clientela, misturada de damas elegantes, altos funcionários, politicos e militares ilustres, suas atenções se voltavam, de preferência para os humildes, os simples, os pobrezinhos, perguntando: «E você, meu filho, passou bem? Acabou o remedio? E sua dieta?» Era a essa clien-



Bezerra de Menezes

tela que nada lhe pagava e ainda lhe dava despesa, que primeiro atendia.

* * *

Médico, fez-se militar e politico.

Foi Presidente da Camara Municipal, portanto Prefeito. E deputado.

No fastígio de suas conquistas, morreu-lhe a esposa.

Emotivíssimo, ficara inconsolavel, desgostoso da Vida.

Foi, então, que se lhe deu o *Livro dos Espíritos* para ler.

Mas, como ler um livro condenado pela Igreja, ele, um bom católico e temente do inferno?

Leu, contudo, o livro no bonde, rumo da Tijuca.

Ao concluir a leitura, havia perdi-

do o respeito ao Catolicismo e o medo ao Inferno.

Fez-se espírita, colocando na balança da difusão da Doutrina, o pêso de sua projeção político-social-cultural.

Escritor e jornalista, corre ás columnas de O PAÍS e, assinados por MAX, lança a série de artigos substanciosos—os mais substanciosos e oportunos que já se escreveram em língua portuguesa—naquê-le maravilhoso despertar de Bezerra para o Espiritismo, e do Espiritismo no Rio de Janeiro.

Valeu-lhe o santo esfôrço, a gloriosa alcunha de o ALLAN KARDEC BRASILEIRO, que vem conservando através dos anos.

E como o Allan Kardec francês, teve, também, as suas desilusões e as suas decepções com os espíritas e com o meio espírita, a ponto de, por duas vezes, afastar-se do meio e dos espíritas, sem, entretanto, nunca se afastar da gloriosa Doutrina.

* * *

Alvorecia o século XX:

A 1.º de Janeiro de 1900, uma congestão cerebral atacava o Médico dos Pobres.

Sua casa da Rua 24 de Maio passou, então, a ser a Méca de contínua parada de almas gratas e emotivas.

Um amigo que o visitou, êle ainda falava, antes da paralisia geral, ouviu-lhe, ambos em lágrimas: «Peça a Jesus por mim! Não para tirar-me o sofrimento, que, se me veio, porque foi justo, mas para dar-me as forças suficientes para eu suportá-lo».

Reinava no seu lar a tristeza e a indignância.

Não recolhera dinheiro nem para manter a família naquêle transe amargurado, nem para tratar da saúde.

Mas, diariamente, quando se lhe arumava a cama, descobria-se farta soma entre o travesseiro e o colchão, que variava do *patacão* de cobre à cédula de duzentos mil réis, deixada por suas visitas de todas as posses...

* * *

Morreu depois de longo sofrimento, sem revelar, entretanto, que sofria.

Seu enterramento foi uma apoteose, em que as casacas e as fardas militares se

promiscuiam com as librés dos criados, com os farrapos dos pobres.

E muitos olhos em lágrimas! E muitos queixumes dolorosos assim: «Morreu o Médico dos Pobres! Quem cuidará, agora, de nossa saúde como êle!»

Como êle, ninguém, na verdade, cuidou mais da saúde da pobreza!

O «País» publicava que «seu enterramento se revestira de solenidade augusta».

E prosseguia o jornal: «Desde que se divulgou a notícia do seu falecimento, uma incessante romaria se estabeleceu em demanda da sua habitação. Eram os pobres, os humildes e necessitados, no anonimato de sua condição, que lhe iam render o tributo da saudade e do reconhecimento, cujos soluços e lamentações se confundiam com os da pobre família desolada».

* * *

Admiradores seus de outros credos também se aprestaram a homenagearem religiosamente seu grande espírito. E fôra ajustada a *missa com libera-me* na Igreja do Socorro, em S. Cristovão.

Para lá acorrera o povo católico que o admirava.

Mas, a missa não saíu, embora se enchesse a igreja de gente, que o Vigário Geral a proibira de última hora.

Noticiou assim o «País»: «proibidos os sufrágios, sob a alegação de se tratar do chefe dos espíritas do Brasil...»

Mas, o povo sai da igreja e corre ao cemitério, à sua sepultura, e faz-se aí a apologia do Médico dos Pobres, falando varios oradores eloqüentes.

* * *

A «Hora Espiritualista João Pinto de Souza» pede-nos estas notas escassas sôbre o grande Espírito de nossa particular admiração e estima, para a *Semana de Bezerra de Menezes*, que promove.

Página que levará ao rádio de seu programa.

E programa que aspira lançar, um dia, uma Estação de Rádio no Brasil.

Uma P. R. dos Espíritas, exclusivamente.

Fácil? Difícil?

Não entendemos disso, embora estejamos sempre onde se cogite, com honestidade, desprendimento e altruísmo, de tais realizações.

E aquí repetimos uma frase bem

nossa: «Preferimos amargar a decepção de uma campanha frustada, do que a amargura de não haver contribuído, de qualquer modo, para um evento vitorioso».

E somos dos que preferem correr, ilusoriamente, atrás de uma grata miragem de promissoras esperanças, a descansar, comodamente, à sombra de realidades duras e antipáticas, em que o dinheiro paire como estrela de primeira grandeza.

Póde ser uma concepção errada de velho espírito, que se acostumou a viver, desde a primeira hora de sua conversão, os exemplos vitais de Bezerra de Menezes.

E deseja continuar vivendo assim, fazendo o que póde e até o que não póde, cooperando com os que trabalham de facto, quaisquer que sejam suas opiniões, a benefício de sempre maior difusão da Doutrina, de sempre menor padecimento dos pobrezinhos e humildes.

Receba, pois, o grande Espírito de Bezerra de Menezes esta pálida homenagem de um sincero admirador, muito grato ás suas influências espirituais. E a *Hora Espiritualista João Pinto de Souza*, a nossa sincera congratulação em mais êste seu empreendimento.

Paz e alegria!

! Pelas Sendas do Mistério !

Dr. J. W. VEDOR — «Constancia» (Reproduzido de «Stampa»)

PÓDE o homem em transe, transpôr os umbrais do grande mistério da morte, fazer uma revista geral de sua vida passada e recordar os mais insignificantes detalhes de sua existência, suas causas e seus efeitos? Já vimos através dos relatos do Almirante Beaufort e do Dr. Hunley como a nossa memória, esta memória caluniada que, segundo muitos, é incapaz de nos recordar o que havíamos comido em determinado dia da semana passada, nos leva em um itinerário invertido através dos anos, lustros e decênios rumo ao passado, para demonstrar-nos que nada se perde ou se «embaralha» em seu arquivo maravilhoso e que só uma razão fisiológica que favoreça o nosso jogo intelectual fá-la aparecer menos minuciosa e exata do que é em realidade.

Ante a Morte

Comentando estas surpresas com que nos brinda a memória, justamente quando eu escrevia minha última nota, com um amigo afeiçoado ás ciências esotéricas, êste me forneceu o exemplo do irmão do doutor César Welles, colhido durante uma expedição ás terras dos temíveis aissathuegs, e que é mais um subsídio a estes singulares malabarismos da memória do homem. Refere o explorador que em companhia de seu amigo

Cornelius havia se distanciado do resto dos expedicionários com o intuito de fazer um reconhecimento numa região em que na véspera tinham ouvido o tamborilar dos nativos. Depois de vários quilómetros de marcha na selva, chegaram a uma clareira donde foram testemunhas de uma cena macabra. Os homens da tribu formavam círculo ao redor duma espécie de túmulo de sacrifícios, junto ao qual se achavam dois adolescentes, homem e mulher, completamente nus e aparentemente sob os efeitos de uma droga de poderosa ação exaltadora. Os feiticeiros da tribu dirigiam uma espécie de rito mágico que aterrorizou a ambos os exploradores e que culminou com a morte de um dos jovens. Imediatamente o bruxo abriu com um golpe, o cadáver ainda quente e extraiu as entranhas em busca de não sei que sinais denunciadores do futuro da tribu. Imediatamente a atitude do «áugure» teve uma transformação nervosa e fixou a clareira, onde se achavam emboscados os brancos e deu uma ordem que foi seguida por um ataque dos indígenas. «Antes de poder pensar em escapar—relata o explorador—vi-me cercado por quatro dos selvagens, que me desarmaram sem me dar tempo de defender-me. Meu amigo Cornelius desaparecera de meu lado sem deixar vestígio e sem dúvida fôra preso do mesmo modo estúpido. Conduziram-me então, fortemente manietado ao tú-

mulo dos sacrificios ao que fui obrigado a subir. E aí sobreveio o extraordinário de minha situação mental, naqueles momentos que eu julgava os últimos de minha existência. Eu via desfilar ante meu olhar, com rapidez vertiginosa, todos os acontecimentos de minha vida passada. Cenas que eu julgava completamente sepultadas no olvido, ressurgiam com uma exatidão de detalhe admirável. Minha memória adquiria uma agudeza tão extraordinária e tal amplitude de recordações, que vivi dezenas de anos em breves minutos.

Vi avançar um bruxo horrendo, com enorme máscara de cornos e um ameaçador punhal na mão, sem que êle me produzisse o mais leve tremor. Uma tranquilidade e coragem desconhecidas mantinham-me impassível e sereno. Quando o encarregado de dar-me a morte estava a menos de um metro de distância, soou uma detonação e ferido na cabeça, caiu sem vida. Esse sucesso sobrenatural, para os selvagens, fez que todos fugissem rapidamente.

Meu amigo Cornelius—famoso caçador de elefantes—que eu supunha preso e morto, havia salvo minha vida com sua serenidade e valentia.

Não creio necessário insistir com outros exemplos demonstrativos, que a memória mantém sua fidelidade inalterável em todo o momento de nossa vida presente, e já vimos como, sob certas circunstâncias provocadas por experiências de laboratório, essa memória remonta até um passado demasiado remoto e vai além do nosso nascimento, mais além de nossa morte anterior, e mais longe ainda, a regiões onde a «sonda espiritual» não consegue encontrar fundo.

Nós «já o vimos»

Outro fenômeno interessante que sem dúvida terá ocupado muitos leitores, é a sensação do «já visto». Assistimos a qualquer ato simples da vida comum, no trabalho, no repouso, num clube, em uma reunião, e, de súbito, sentimos que «já vivemos êsse instante», em um tempo remoto, inacessível ás nossas recordações normais, foi parte de nossa existência. A certos espíritos isto provoca uma angústia especial e foi origem de uma série de hipóteses de numerosos psicólogos, tendentes a explicá-lo. Dizem

também tratar-se de um «éco mental», quer dizer, uma rapidíssima e dupla impressão no cérebro que dá a sensação de que o percebido já fôra visto antes, ainda que de modo demasiado impreciso, no sentido de situá-lo no espaço de nosso tempo e de nossa vida. É uma hipótese que logo se lançaria de cheio a explicar como sua teoria é única, a autêntica, a aceitável. E esta teoria tem numerosos exemplos na história, que procuram corroborá-la.

Se lançarmos um olhar retrospectivo a passados muito distantes, encontraremos Marco Aurélio, imperador dos romanos, virtuoso e sábio, amante da filosofia e cultor da moderação, que afirmava convictamente que, pelo menos, tinha vivido duas vezes anteriormente, tendo incarnado, em uma delas, no célebre e austero Catão, o Censor.

Isto, dirá o leitor inquieto, nada prova. Os manicômios estão cheios de loucos que asseguram que foram, Napoleão, Magalhães ou Branca de Neve, e isto nada prova. Marco Aurélio revivia episódios de Catão, o Censor. Pronunciava discursos que lhe ditava sua memória ancestral e que em seguida verificaram ser reprodução exata dos de seu antepassado espiritual, cujo texto êle nunca havia lido em sua última vida.

Como êste, muitos homens célebres asseguravam ter vivido em tempos muito remotos.

Lamartine, durante sua primeira visita à Judéia, sentiu-se tomado de surpresa ante um cenário e paragens demasiadamente conhecidos por êle. Absolutamente só, sem nenhum guia que o acompanhasse, reconheceu o campo de batalha de Saul e o vale Hereb e em seguida, no vale de Sefora, indicou a colina coroada pelas ruínas de uma casa em que ocorreu o nascimento da virgem. Não bastam estes exemplos tão demonstrativos? Não? Pois bem, João Batista Colbert, famoso ministro de Luiz XIV, escreveu uma biografia de si mesmo, por demais estranha, visto que se refere a dois personagens, um o conhecido, outro o que viveu no ano de 453 antes de Jesus Cristo. Nos escritos dêste segundo personagem existiam vastos textos que atraíram a atenção do célebre hebraista Jacobo Hursey, que por fim pôde comprovar que ditos textos se ajustavam exatamente, sem a mínima alteração, ás

passagens das obras do trágico Eurípedes.

O Dr. William Fardwell, quando se encontrava em casa do doutor Tauride, num momento em que ceavam em companhia de um garotinho de seis anos, perguntou ao menino se não se lembrava de já o ter visto. — Sim, eu te conheço — disse o menino — mas conheço muito mais o teu avô — o coxo. Com êle muitas vezes joguei o *bridge* antes

que houvesse nascido. E o notável desta resposta é que realmente o avô do doutor Fardwell fôra coxo e amante do *bridge*, e nem ao menos havia conhecido seu próprio neto; vindo a saber êste o que se referia a seu avô, pela sua mãe. Nem tão pouco o doutor Tauride conhecia particularidade alguma dêsse parente de seu amigo que êste mesmo não tivera ocasião vêr.

Um Caso de Possessão — Arnaldo S. Thiago.

«Na obsessão há sempre um Espírito malfeitor. Na possessão póde tratar-se de um Espírito bom que queira falar e que, para causar maior impressão nos ouvintes, *toma* do corpo de um encarnado, que voluntariamente lho empresta, como emprestaria seu fato a outro encarnado». (A Gênese, cap. XIV, pag. 269).

Transcrevemos esses tópicos da «A Gênese», de Allan Kardec, para justificar o título que demos a êste breve relato de um caso que nos parece de possessão e que nos foi referido por pessoa de nossa absoluta confiança.

Na localidade denominada «Saco dos Limões», subúrbio de Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina, caíu gravemente enfêrma, com sintômas de alienação mental, uma senhora casada e mãe de dois filhos.

Chamado o médico da família, um dos mais conceituados clínicos da referida cidade, percebeu êste desde logo que se tratava, não propriamente de enfermidade nervosa, mas da uma psicopatia aparente, determinada por influência de personalidade espiritual completamente estranha ao meio familiar a que a moça pertence, porquanto esta, de um momento para outro, entrou a desconhecer os filhos, o marido, os seus pais e todas as outras pessoas da família.

Quando em sua presença, o próprio médico que diversas vezes a tratou, bem como a outros membros da família, foi tido por um desconhecido. Não havia meios de chamar a moça à razão: de um instante para outro tornava-se elemento estranho em seu meio familiar.

Lealmente o médico fez ver ao esposo que não se tratava de um caso clínico, aconselhando-o a recorrer à intervenção de pessoa dotada de poderes mediúnicos suficientemente elevados, para

conseguir o afastamento da personagem espiritual estranha, que se apossara da esposa, deixando-a naquela perturbação insólita.

Tais recursos foram tentados, em vão, conforme relatou ao médico, mais tarde, o chefe da família de que se trata.

Disse-lhe êste que recorrera a todos os recursos mediúnicos. Primeiro a um médium, isoladamente; depois a diversos amigos seus, espíritas, que realizaram sessões em sua casa, procurando por todos os meios convencer ao Espírito possessor que devia deixar a família em paz, afastando-se da moça. Tudo em vão!

Já perdia o pobre esposo a esperança de ver a consorte restituída à normalidade, quando, uma tarde, ouvindo, no rádio, o canto da «Ave Maria», a possessa ficou, a princípio, a ouvir, enlevada, a suave música do «Angelus» e em seguida falou: «Que música, encantadora! Que música encantadora!...» Repetindo por diversas vezes a frase, até se extinguirem de todo os suaves acordes no espaço...

Ditas essas palavras, a moça como que despertou de um longo sono e, voltando à completa normalidade, como se absolutamente nada se tivera anteriormente passado com ela, entrou novamente a reconhecer todas as pessoas de casa, bem como quaisquer outras de suas relações.

E tudo se restabeleceu, graças à boa orientação dada ao caso pelo médico da família. Fôsse êle indiferente aos fatos espíritas e teríamos de constatar mais um caso de intervenção inóqua da ciência material em circunstância na qual só a ciência espírita sabe intervir. Mas, os tempos chegaram. Já as duas ciências, como acabamos de ver, dão-se as mãos para benefício da humanidade.

↓ Mais um Fenômeno de “Poltergeist” ↓

MAX KOHLEISEN



AMOS apresentar hoje mais um caso de «Poltergeist», não menos interessante que aquele, cujos acontecimentos se tem desenrolado na Alemanha do sul e que já foi apresentado aos leitores,

estudiosos de semelhantes fenômenos. Sim, fenômenos que só a doutrina e ciência «O Espiritismo», é capaz de explicar racionalmente, sem deixar lacunas!

E' digno de ser relatado o caso que estamos extraindo da revista inglesa «The Greater World» (O Mundo Maior) editada em Londres. O artigo foi remetido da África do Sul para a citada revista pela médium conhecida, Mrs. Helena Powell, não só conhecida na África (na União Sul-Africana) mas também, em Londres na «Liga Espírita» de «O Mundo Maior». Eis o que se comunica :

«No Estado sul-africano Southern Rhodesia, em Rhodesville perto de Salisbury reside o casal Mr. Cecil John Rose e sua esposa, em cuja casa apareceram, um belo dia, distúrbios, barulhos, deslocamentos de objetos de uso, estrondos no soalho, forro e paredes. Toda redondeza estava ciente a respeito dos estranhos acontecimentos. Os grandes jornais de Salisbury, cidade onde me encontrei, traziam fartas reportagens sôbre o que se passava e continuava se passando na residência do Mr. C. J. Rose.

Sendo eu conhecida nas rodas dos jornalistas, fui solicitada a intervir no caso de Rhodesville para ver se era possível livrar aquele casal tão atormentado. Respondi então francamente com um «Não!» porque sem o consentimento e um convite formal, nunca costumo oferecer semelhantes serviços delicados; aliás, meus prestimos são sempre muito modestos. Se posso servir, é sempre com prazer, mas nunca procuro me impôr...

Um dia, li num jornal de Salisbury a seguinte reportagem: «A noite passada mais de 300 pessoas vieram visitar a casa «assombrada» em Rhodesville para poderem presenciar o barulho misterioso; muita gente vêm de automovel de lugares distantes; desde ás cinco horas

da tarde começa o ajuntamento de curiosos e assim acontece pela noite a dentro, acotovelando-se esses curiosos não só dentro da casa, como também fóra, no jardim, em frente à residência. O casal Rose, desta maneira, sofre mais êste tormento...»

Continua o jornal: «Hontem, alguém se lembrou de improvisar uma sessão espírita na residência de Mr. Rose. O empreendimento, entretanto, não foi bem sucedido; ao contrário, foi prejudicial. Estavam reunidas muitas pessoas numa sala; um dos componentes tomou sem sentidos; outro, sentiu vertigens e caiu nos braços do seu vizinho; outro ainda, disse que sentia passar uma mão fria pelos cabelos e ficou todo arrepiado, até que, trataram de encerrar a sessão! Verificaram, então, que foi arrancado da cabeça de um dos componentes um bem regular punhado de cabelos, seu topete, cuja falta foi bem sentida, visto que sua cabeleira já era bastante reduzida...

Sugeriram finalmente ao snr. Cecil J. Rose que chamasse uma pessoa perita e conhecedora de assuntos espíritas. Êle concordou, e auxiliado por um dos reporteres, escreveu uma carta à Mrs. Helena Powell, solicitando o seu concurso afim de socorrer a êle e sua mulher».

Assim escreveu o jornal S. Rhodesia Sunday Mail: «Quando Mrs. Helena Powell chegou e que é possuidora de uma personalidade imponente, desde logo irradiou-se da sua presença grande calma, ordem e respeito em todo o ambiente; depois de ser apresentada ao casal que solicitou o seu concurso, pôsse Mrs. Powell imediatamente a organizar uma reunião. Escolheu algumas pessoas dignas da sua confiança e solicitou em seguida aos demais que deixassem o ambiente em paz, retirando-se todos para as suas casas, porque, de contrário, não podiam ser iniciados os trabalhos destinados a beneficiar os perturbadores e os perturbados.

Iniciada a sessão espírita, com uma vibrante prece que tocou os corações dos presentes, Mrs. Powell, médium de várias faculdades, entrou em contáto com

o espírito perturbador «Poltergeist» e obteve a promessa que êle ia abandonar o ambiente, onde tinha causado tanto alvoroço e sofrimentos, pois, nada mais tinha que procurar naquela casa. Continuou exortando o Poltergeist, que cuidasse agora do seu futuro próprio, procurando evoluir, praticando o bem; nisso seria auxiliado pelos espíritos bondosos presentes e ao seu lado; que abjurasse, inicialmente, o seu egoísmo odioso, pois, já que deixou o plano material (com a morte) a sua esposa tinha o direito de casar-se em segundas nupcias com o Mr. Cecil John Rose, aliás bom

marido, carinhoso e de caráter superior.

Assim terminou a breve sessão. Vimos, nós todos, que ninguém tinha suspeitado que o Poltergeist podia ser o falecido marido de Mrs. Rose, o qual furioso, e movido pelo egoísmo, atolou-se num ódio cego, produzindo finalmente os fenômenos perturbadores naquela casa.

Desde aquêlê dia entraram novamente a paz e a harmonia no lar do casal C. J. Rose, graças à ação bem conduzida, com perícia, de Mrs. Helena Powell e com a ajuda do Céu e os bons Espíritos».

Piracicaba, Abril de 1952.

Finalidades Cristãs dos Congressos

O nosso caro companheiro de redação, J. B. Chagas, pouco antes de desincarnar enviara-nos o presente artigo, que será publicado numa série de três publicações, a começar deste número.

Segundo o nosso fraco modo de entender, a finalidade maior da Doutrina Cristã ou seja da doutrina que se estabeleceu no mundo, resultando dos ensinamentos dados aos homens por Jesus, o *Filho de Deus Vivo*, na felicíssima expressão de Pedro, era o cumprimento integral da Lei do Amor. Sôbre a Lei do Amor, da Bondade e do Perdão fundamentou Êle toda a sua doutrina.

Sendo, portanto, toda a sua doutrina baseada na Lei do Amor, subentende-se do enunciado, que qualquer coisa que se faça ou diga, com a finalidade cristã, visando a aproximação em Cristo, terá que se apoiar no determinismo daquela Lei.

Vejamos como Jesus estabeleceu os seus princípios: Sabemos que a sua maior preocupação no sentido do esclarecimento das criaturas não foi sómente com o desejo de iluminar apenas as consciências, daí Êle dizer aos simples e humildes pescadores do mar da Galiléia: «Vinde após mim, e farei que vós sejais pescadores de homens». Eles, realmente, deixavam as rêdes e o seguiam. Visava Jesus, de preferência, atingir o coração, dando-nos um exemplo frisante na grandiosa lição do Bom Samaritano. Estabeleceu mais naquela regra fixa, de profunda sabedoria, quando disse:—«e assim, tudo o que vós quereis que vos façam os homens, fazei-o também vós a eles, porque esta é a lei e

os profetas». Nêste preceito estava, portanto, encerrado o mais rígido ensinamento de toda a sua doutrina sôbre a lei do amor, ampliando, ainda, de modo mais compreensível, o que já constava na lei do Decálogo, no seu primeiro mandamento—«Amar a Deus sôbre todas as cousas», o seguinte adendo: «a ao próximo como a si mesmo». Dizendo por fim Jesus: «Mais um mandamento eu vos deixo: «Amai-vos uns aos outros!»

Todo o seu ensino é um hino de glória ao Amôr, à Renúncia, à Tolerância, à Humildade e ao Perdão.

A Justiça mais reta esplendia e superabundava nêles. Senão vejamos: — «não julgueis e não sereis julgados; não vos digo que perdoeis até sete vezes, mas até setenta vezes sete», porque, «quem com o ferro, fêre, com o ferro será ferido». «O que disser *raca* ao seu irmão, será réu de crime no conselho. E se qualquer te obrigar a ir carregado mil passos, vai com êle ainda mais outros dois mil. E serão bemaventurados os mansos, porque possuirão a terra; bemaventurados serão também os que choram, porque serão consolados!»

Não esqueceu, porém, de advertir a todos: — «Se a vossa justiça não fôr maior e mais perfeita do que a dos farizeus, não entrareis no reino dos céus!»

«O Espírito da Verdade, todavia, a

quem o mundo não podia receber, porque não o via e nem o conhecia, ficaria e estaria eternamente conôscos” — afirmou Jesus, consoladoramente.

O Espiritismo é, pois, sem favor, êsse Consolador que o Cristo prometeu que a seu tempo enviaria à Terra para explicar tudo o mais que Êle não pode fazer na sua época, pelo atraso espiritual dos homens que lhe ouviam as palavras.

O Espiritismo sendo êsse Consolador está explicando todas as cousas por toda a parte; não fala de si mesmo, porque não está também personalizado num indivíduo; manifesta-se, simultaneamente, a várias pessoas, em vários países, em várias línguas, e veio trazer a chave, sem a qual o Evangelho seria sempre um livro enigmático, cujos textos continuariam dando margem a mil e uma interpretações.

E' bem corrente no âmbito doutrinário, a definição que Espiritismo, como Ciência, é a verdade manifestada nos fenômenos da Natureza e suas sábias leis, na vida social do indivíduo, da alma e de seu mundo.

Já a sua Filosofia é a verdade manifestada pela razão, a infundir o verdadeiro sentido da vida, creando um estado de consciência reto e seguro.

Como Religião, tem por principal finalidade guiar o homem até Deus, no seu destino glorioso.

A primeira é a verdade divina em ação. A segunda é a verdade humana, como reflexo da verdade divina, buscando o sentido profundo das cousas. A terceira, resulta implicitamente das duas anteriores, quando bem compreendidas. E' a demonstração na prática do conhecimento que chegou ao indivíduo, através do estudo e da razão consciente, transfundindo em atos e obras, no sentido elevado do bem do próximo, no desprezo das cousas terrenas, no *viver para outrem*, de que nos fala *Augusto Comte*, ou seja, «viver no mundo sem ser do mundo», no dizer evangélico.

Quem quer que só aprendesse um dos três aspectos, teria parado no meio do caminho...

Tornou-se êle, assim, o Cristianismo redivivo, fazendo avultar sempre, e cada vez mais, aos olhos dos homens, a figura ímpar de Jesus, porque as suas grandiosas lições foram aprofundadas e conhecidas no seu verdadeiro sentido.

Como Cristianismo redivivo, êle teria, forçosamente, que exaltar e inaltecer o Cristo e suas virtudes excelsas, uma vez que interpreta os seus ensinamentos, deixados ha dois mil anos, em *espírito e verdade*, iluminando consciências e burilando corações!

Revivendo as lições de Jesus, o Espiritismo, então, por dever, teria que observar estritamente, suas regras e preceitos. Um deles, o que nos toca muito particularmente, com a iniciativa da realização destes Congressos, lembra-nos a necessidade de confraternizarmo-nos, para o cumprimento integral do seu maior mandamento, contido no sublime êsto do — «*Amai-vos uns aos outros*».

Procurando atingir êsse grandioso objetivo, estamos vivendo e assistindo o esforço sincero e entusiasta de alguns abnegados irmãos, no sentido de dar ao Espiritismo uma nova modalidade de difusão doutrinária, mais consentâneo com o espírito da época, ou seja um sentido mais elevado da sua verdadeira finalidade, através das Semanas de Confraternização, dos Congressos, etc.

Não se poderia compreender, mesmo, como seria possível atingir o objetivo preceituado no: *Amai-vos*, ficando cada espírita isolado nas quatro paredes do seu centro.

Ninguém em sã consciência poderá manifestar-se contrário a essa nova modalidade de Espiritismo.

A própria índole do Espiritismo estava a exigir um movimento assim, com essa característica social cristã, considerando, ainda mais, ter o seu Codificador afirmado alhures, que do Espiritismo «se havia dito a primeira palavra», mas que a «última jamais seria proferida!»

Doutrina evolutiva, por excelência, que «se modificaria em qualquer dos seus postulados, para aceitar uma nova descoberta, comprovadamente reconhecida», não podia ficar acorrentada às velhas práticas e dos velhos hábitos do passado.

E a julgar pelo entusiasmo que essa nova modalidade de Espiritismo vem empolgando o meio espírita brasileiro, teremos, dentro em breve, o ambiente doutrinário completamente modificado, para melhor.

Até no Espaço impera entre os desencarnados um verdadeiro movimento de intensa alegria que, aqueles que imprópriamente chamamos *mortos*, têm vindo,

aliás, procurando traduzir por palavras, a sua alegria, incorporando, nessas reuniões, os *médiuns*, compartilhar com os que, também, impropriamente denominamos *vivos*!

Aprovamos, inteiramente, todo programa que tenha por objetivo o maior intercâmbio, seja cultural ou confraternativo, entre os espíritas, e com este propósito, temos dado, sempre que se apresenta a oportunidade, todo o nosso apôio e solidariedade a esses movimentos, não só tomando parte ativa em alguns, como a iniciativa e realização de outros.

E como os espíritas são, sem favôr nenhum, os crentes da Terra que, de al-

gum modo, estão fazendo algo em prôlo do império da Fraternidade em nosso mundo, devemos, pois, trabalhar com afinco e sinceridade, para que a solidariedade cristã, seja apanágio de todas as almas já iluminadas pela luz do Cristo.

Somos, inegavelmente, os que já se esforçam para seguir as pegadas do Divino Mestre, por exemplos e obras, praticando a sua doutrina de amor e perdão. Sejamos, pois, o *sal da terra*, na feliz expressão de Jesus, e tudo o mais *nós receberemos de acréscimo*!

J. B. Chagas.

(Continua)

Crônica Estrangeira

Conto do Natal para as Crianças

(Uma Paródia, com meus cumprimentos e apologias ao ilustre escritor espanhol, Don Manuel Feduchy).

O ZÉ PANCRÁCIO

O Zé Pancrácio era um homem que vivia dos seus expedientes, um malandrão, casado e pai de oito filhos.

Chegou uma tarde a casa muito aborrecido da vida e decidiu-se a cometer suicídio. Meteu-se no quarto de dormir, bebeu um copo de água contendo umas gotas de veneno e começou a berrear pela esposa a contar-lhe o sucedido.

Houve grande comoção, dois dos filhos mais velhos saíram a procurar um médico e um sacerdote, que felizmente se encontravam em casa e vieram logo a casa do Zé. O médico de um lado tratou de salvar o homem, enquanto que o sacerdote do outro lado lhe estava a rezar pela alma.

Quem venceu foi o último, pois em poucos minutos o suicida «esticou o pernil» e três dias depois foi o seu cadáver enterrado no cemitério local.

Deus castigou-o deixando-o andar pela Terra e passados uns meses saiu da campa e ficou muito admirado em ver que tinha deixado nela a sua carne,

estando sómente com o seu esqueleto. Ficou admirado também ao ver outros habitantes a dançarem e a jogar as cartas mas também sem as suas carnes. Ajoelhou-se e pediu ao Pai para lhe dar de novo a sua carne, mas naturalmente que isso era impossível e foi metido novamente na sepultura. Passados outros meses foi-lhe permitido sair dali e, quando da parte de fóra, ficou surpreendido ao ver que não tinha agora nem carne, nem os ossos, e ao olhar para o cimo da campa notou que havia crescido sobre ela muita erva e flôres, e um coelho veio ali e começou a comer estas.

O Zé Pancrácio exclamou então: —Que belo pratinho de meio! Imagine-se que a minha carne e os ossos se converteram em erva e flôres bravas e um coelho comeu estas e finalmente a carne dêle será comida por qualquer pessoa humana!

Sim, disse-lhe uma voz misteriosa. Eis a tua punição na Terra. Aqui, ou seja, na Natureza, nada se perde, tudo se transforma. Sómente os espíritos como tu são indestrutíveis.

Vem comigo para entrares numa Escola e aprenderes ali o que precisas para seguir por essa Eternidade afóra, mas antes disso o Pai terá que ficar convencido a que tu te arrependeste e Lhe pediste perdão pelas fajardices que cometeste quando estavas envolto da tua carne!

E lá foram ambos, deixando na
 campa a transformação do corpo, em pó!
 Pobre Zé Pancrácio!

EXPERIMENTAI

Durante as minhas visitas às diversas Igrejas e Centros Espíritas, tenho o máximo cuidado em não aceitar a manifestação dum dos meus guias, a não ser que me encontre absolutamente convencido da sua autenticidade.

Eis, por exemplo, como eu encontrei FENG ser um espírito genuíno.

Quando comecei com as minhas investigações, eu na companhia do subeditor do *Two Worlds*, Charles Hicks, e quatro amigos, sentámo-nos ao redor duma mesa, regularmente uma vez por semana durante uns meses. A mesa na primeira vez de ser por nós empregada, manifestou estar ali um espírito de nome Pengue ou PENG, dizendo ser um dos meus guias. Como fôsse tarde e não pudéssemos continuar com a scéance, quando ao terminar, a mesa bruscamente anunciou-nos «Try again». Experimentai de novo. Naquela ocasião era eu também um dos indivíduos escolhidos por Madame Bullock, a famosa médium de transfigurações, para o seu conhecido Circle, reunindo-se todas as segundas-feiras, sob o nome de Rainbow Harmony Circle. Ali fui como do costume, sem ter dito a ninguém o que se tinha passado na redação do *Two Worlds* no sábado passado.

Madame Bullock quando em transe, deu-me a grande surprêsa de ver nela transfigurado em chinês, que me falou assim:

Eu não sou chinês, mas tão português como tu, pois nasci em Macau, e o meu nome é João FENG.

No final da scéance narrei aos presentes o que se tinha dado e no sábado seguinte fui de novo à Redação do *Two Worlds* e quando a mesa começou a mover-se, eu decidi-me a sair do círculo e ficar ao lado a tirar as notas. Com a maior surprêsa minha, recebemos a seguinte mensagem:

Eu sou FENG e não Pengue ou Peng, o guia de FRED. Ambos temos bastante trabalho a fazer. Boa noite! O interessante de tudo foi a mensagem ter sido dada na língua portuguesa!

Por conseguinte, meus estimados leitores, FENG é um espírito genuíno e não me deixa!!

Foi devido à sua insistência e do belo guia Padre Domingues, que estou novamente rabiscando estas linhas.

FENG é um grande brincalhão. Recentemente fui num sábado onde havia o chamado «Open Circle» à Manchester Central Church, e deu-se ali o primeiro caso nunca observado antes pelos membros antigos. A médium que devia conduzir o «Service» não pôde vir à última hora. Não havia ali absolutamente ninguém que pudesse substituí-la, exceto uma senhora idosa. Esta veio na minha direção suplicando-me para ir conduzir o «Service». Comecei a rir-me, pois nunca tinha feito isso ali. Mas... como impellido por uma fôrça mística! (O celeberrimo Feng), conservei a assistência em muito bom humor e tudo correu às mil maravilhas!

No final e como do costume, foi-nos servida uma chavena de chá e biscuitos, e a senhora idosa cheia de alegria veio dar-me um aperto de mão, dizendo: — Senhor Duarte, tive forçosamente de vir convidá-lo porque estava um chinês a rir-se ao seu lado e a dar-me instruções para o conduzir à plataforma.

Frederico Duarte — Manchester.



Manifestação material de um morto

Pertence êste fato ao arquivo do célebre astrônomo Camilo Flamarion que o precedeu dêste comentário:

A que se reduz o espaço, para um morto ou para um moribundo? Um homem morre acidentalmente, e, a 28 quilômetros, percebe-se sua misteriosa presença! Entre numerosas manifestações que me foram relatadas, esta aqui reproduzida é seguramente das mais notáveis, visto ter sido cientificamente observada e percebida por diversas testemunhas... assim como por três cães... Este relato foi-me enviado a 6 de 1922 por um observador erudito snr. P. Legendre, professor de letras no Liceu de Brest:

«Contava eu 20 anos; acabava de terminar meu curso na Sorbonne e meu primeiro ano de professorado; eu fôra passar minhas férias numa calma propriedade que parentes meus possuíam perto de Rennes. Estava para abrir-se a caça. Para essa abertura meu pai convidara três velhos amigos seus (professores Richelot e Biancé, e Dr. Cuisnier — médico) e um primo de minha idade.

No sábado, véspera da abertura, com exceção de meu primo Roberto, estávamos reunidos, após um jantar burguês e bem simples, ao redor da mesa e na mesma sala. Havíamos deplorado o atraso inexplicável, de meu primo; a cozinheira conservara sua refeição no forno, pois contávamos com sua presença naquela tarde, qualquer que fosse a causa de sua demora, para o início da caça na manhã seguinte.

Meu pai e seus velhos amigos falavam de «finanças». O Dr. Cuisnier e êle estavam diante da porta envidraçada que dava para o jardim e cujas folhas verde escuras estavam fechadas. De pé, igualmente diante da porta, eu examinava meu fusil. De repente os três cães, pacificamente deitados debaixo da mesa, levantaram-se rosnando e se dirigiram para a porta. Fôra, nenhum ruído, nenhum sôpro. Supunhamos tratar-se de algum animal que se aproximára da casa e aquietámos os cães. *Estranho silêncio parecia impor-se a todos nós*, e bastante tempo depois ainda perdurava em nossa memória, essa singular impressão.

Passa-se um minuto, os animais, apenas tranquilizados, latem furiosamente, em direção à porta, ao mesmo tempo que um clarão cerúleo assás transparente, de 1 m. 70 de altura, oscila, por duas ou três vezes, diante da porta envidraçada e aí permanece durante dez ou doze segundos esvaecendo-se gradualmente, para desaparecer em seguida. «Um fogo fátuo! exclama meu pai; o imbecil Morel (o jardineiro) deixou algum animal em decomposição junto à porta!» (Raramente serviam-se dessa porta, que quasi sempre permanecia fechada, por estar a sudoeste, e a 50 metros da estrumeira da fazenda).

Eu era céptico, e conhecendo as farsadas de Roberto, supús ter êle deixado seu trôle na povoação, distante um

quilômetro, aproximando-se e passando por alguma abertura na cêrca do parque, divertindo-se a incendiar fósforos ou outro produto químico previamente colocado entre a vidraça e a folha da porta.

«Abro a porta, vou para o jardim e exclamo: «Vamos, Roberto, não te faças de tolo, vem tomar tua sopa, ou mãe te aplicará...! Nenhuma resposta! nem o mais ligeiro ruído. O cão da fazenda permanece silencioso, os nossos ainda se mexem um pouco, mas se aquietam.

Ainda esperámos Roberto uma boa hora, a conversar de tudo, menos de aparições, depois, um tanto inquietos a seu respeito, procurámos nossos leitos.

Na manhã seguinte, às 11 horas, um expresso vinha nos informar que Roberto morrera, acidentalmente, às 7 hs. 1/2 da noite.

Eu não tento explicar e vos deixo o cuidado de comentar êsse fato: que Roberto morreu às 7 hs. 1/2 da noite, e que na mesma noite, a 28 quilômetros de distância, e precisamente no lugar em que deveria estar, o clarão que vos descrevi era perfeitamente visto por três pessoas de sangue frio (e fortemente saudado por três cães...)

Essa manifestação produziu tão estranha impressão, que muito tempo depois todos declaravam jamais terem experimentado sensação semelhante.

E' sobre essa impressão de cunho inteiramente especial, que me deixou recordação indelével, que me permito somente insistir. Posso ainda defini-la como segue: uma sorte de *impulso* inquieto para a porta, ao qual obedeci automaticamente, de uma parte com a certeza de que Roberto estava atrás da porta, e de outra que êle aí não podia estar, porque sua aproximação, mesmo oculta, era para mim impossível, dadas a disposição do lugar e a extrema acuidade de meu ouvido.

Acrescentarei ainda que no dia seguinte se constatou que o «imbecil Morel», conscienciosamente havia raspado os arredores, e que não existia cadáver algum nas proximidades. De mais, junto à porta não havia vestígios de qualquer combustão de substância química.

Tais os fatos por mim observados.

«P. Legendre».

ESPIRITISMO NO BRASIL

Notícias de São Paulo

A 3 de Maio p. p., realizou-se no salão nobre «Bezerra de Menezes», na sede da Federação Espírita do Estado de S. Paulo a solenidade de inauguração do 2.º Ciclo de trabalhos da «Escola de Aprendizes do Evangelho».

O orador principal, Dr. Canuto de Abreu, que devia proferir a aula inaugural, por motivos imperiosos não pôde comparecer, sendo substituído pelo confrade Dr. Julio Abreu Filho.

Uma assistência numerosa superlotou as dependências diversas da tradicional casa da Rua Maria Paula, reduzido de tantos trabalhos espirituais a pról da causa do Cristo de Deus.

Marcada a reunião para as 16 horas, presidiu-o o confrade Cte. Edgard Armond, que saudou de início os alunos da mesma, falando-lhes da alegria e satisfação dos resultados obtidos no 1.º Ciclo e das responsabilidades que adviriam em futuro, após o término do curso, quando então — os alunos — terão a seu cargo a direção prática dos trabalhos, em reuniões dos Centros, lares, escolas, etc.

A seguir fala o orador Julio Abreu Filho, que numa oração inspiradíssima absorveu pelo espaço de 55 minutos a atenção do imenso auditório, expondo com clareza e conhecimentos ímpares, páginas inéditas da história do Cristianismo, sendo aplaudido intensamente no final de sua talentosa exposição.

Achavam-se presentes os Professores que irão lecionar durante o 2.º período de estudos, Srs. Anselmo Gomes, Vinicius, Dr. Sergio Valle, Dr. Ary Lex, Dr. Luiz Monteiro de Barros, D. Iracema de Almeida, Benedito Godoy Paiva, Carlos Jordão da Silva, Cte. Edgard Armond e o orador, exceção única do ilustre confrade Dr. Canuto de Abreu.

Em seguida, a palavra foi franqueada a alguns alunos, que manifestaram a sua opinião sobre o curso, e ainda, por via mediúcnica, em meio a um recolhimento elevado, o plano invisível permitiu se ouvissem, as vozes do plano astral referentes ao acontecimento.

Abaixo publicamos na íntegra o

programa dos trabalhos que serão ministrados no curso em questão.

MATÉRIAS

Maio, dia 3, 16 horas — Abertura da Escola, com programa lítero-musical especialmente organizado.

Dia 10, 16 horas—Cosmogonia. A Terra e a Família Solar. Outras famílias siderais. Origens do Universo: nebulosas, galaxias. A Terra: noções de Geologia e de Antropologia.

Dia 17, 16 horas—Centros de cultura. Heliocentrismo, geocentrismo, antropocentrismo. Concepções do Universo: no Egito, na Índia, na Pérsia, na Grécia e em Roma. Na Gália e entre os Anglo-Saxões.

Dia 24, 16 horas— Concepções do Universo (continuação)— entre os índios das Américas; no Judaísmo; no Catolicismo e na Igreja Reformada; na Ciência moderna, até o fim do período pré-nuclear.

Dia 31, 16 horas—Concepções do Universo (continuação)—na era nuclear, na filosofia espiritista. Cosmogonia e Religião. Para onde conduz o pensamento Kardeciano.

Expositor, Dr. JULIO ABREU FILHO.

Junho, 7, 16 horas—Origem da vida na Terra; teorias; gerações espontânea.

Dia 14, 16 horas — Panorâma da Terra nas várias ereas geológicas.

Dia 21, 16 horas — A criação, segundo o conceito espírita.

Dia 28, 16 horas — Os três reinos da Natureza. Sêres brutos e sêres vivos. Associações entre sêres vivos. Sociedades simbiose, comensalismo, parasitismo.

Expositor, Dr. ARY LEX.

Julho 5, 16 horas—Definições. Divisões. Criações. Evolução.

Dia 12, 16 horas — A organização dos sêres. Evolução das formas.

Férias

Agosto, 2, 16 horas— Como surgi-

ram na Terra os sêres vivos e como evoluíram.

Dia 9, 16 horas — Leis universais. Exposição sumária.

Expositor, Cte. EDGARD ARMOND

Dia 16, 16 horas — O ângulo da Ciência no triângulo do Espiritismo.

Dia 23, 16 horas — Espiritualidade e biologia.

Dia 30, 16 horas — A evolução. Vontade de Deus. Evolução da forma e do espírito.

Setembro, 6, 16 horas — O mediunismo nas revelações transcendentais.

Dia 13, 16 horas — O sujeito transcendental.

Dia 20, 16 horas — O Espiritismo à luz da ciência e a ciência à luz do Espiritismo.

Expositor, Dr. SERGIO VALLE

Dia 27, 16 horas — A revelação progressiva; a Realidade e as Aparências; afastamento dos véus pelo desenvolvimento e aperfeiçoamento dos meios de percepção.

Outubro, 4, 16 horas — Os três campos do conhecimento: Físico — sentidos corporais, observação e experiência; Mental — Razão, Análise, comparação, dedução; Psíquico — Mediunidade — revelação.

Dia 11, 16 horas — A mediunidade a serviço das Artes — Poesia, Música, Pintura, etc.

Dia 18, 16 horas — A mediunidade a serviço da Ciência — Astronomia — (Newton) Medicina.

Dia 25, 16 horas — A Revelação Mediúnica explicando e apontando uma meta para a vida individual e coletiva.

Novembro, 1, 16 horas — A Revelação Mediúnica aclarando vários enigmas nos três campos do conhecimento: Função da Dôr, Imortalidade da Alma; etc.

Expositor, Prof. ANSELMO GOMES

Dia 8, 16 horas — O plano divino. A lei de evolução.

Dia 15, 16 horas — A lei do Trabalho.

Dia 22, 16 horas — A lei da Justiça.

Dia 29, 16 horas — A filosofia da dôr. Função da dôr frente à lei da Justiça.

Dezembro, 6, 16 horas — As penas eternas. Seu conceito face aos Evangelhos e à lei da Justiça.

Dia 13, 16 horas — A lei do amor. Amar a Deus e ao próximo. A solidariedade universal.

Dia 20, 16 horas — Amor pelos inimigos. As leis do Amor e de Justiça e as intercessões.

Dia 27, 16 horas — Normas da vida espiritual.

Expositor, Dr. LUIZ MONTEIRO DE BARROS

Janeiro — 1953 — Férias

Fevereiro, 7, 16 horas — A evolução. A lei do tornar-se. A grande equação da substância. As fórmulas evolutivas.

Dia 14, 16 horas — Trajetória dos movimentos fenomênicos. Síntese cíclica. Gênese dos movimentos vorticosos nas fontes da vida.

Dia 21, 16 horas — Origens do psiquismo. Técnica evolutiva do psiquismo. Gênese do Esp. Instinto, consciência e Sabedoria do psiquismo. Bases psíquicas do fenômeno biológico.

Dia 28, 16 horas — Mundos de encarnações. Enumerações.

Março, 7, 16 horas — As crenças antigas. Considerações sobre a imortalidade. Argumentos favoráveis.

Dia 14, 16 horas — Reencarnação. Antiguidade de crença. Argumentos favoráveis e objeções. Finalidade.

Expositor, CARLOS JORDÃO DA SILVA

Dia 21, 16 horas — Destino, parentesco e desigualdade entre os homens. Leis sociais.

Dia 28, 16 horas — Responsabilidade e necessidade da vida social. Reencarnação e laços de família.

Abril, 4, 16 horas — Leis e responsabilidades da vida social. O dever para com o próximo.

Dia 11, 16 horas — O trabalho. Lei social do Evangelho. Amor ao próximo.

Expositor, EMILIO MANSO VIEIRA

Dia 18, 16 horas — Nome. Definição. Número. Títulos. Ordem dos Evangelhos.

Dia 25, 16 horas — O Evangelho oral. A língua falada. A pregação. A tradição verbal. Os testemunhos.

Maio, 2, 16 horas — O Evangelho escrito. A língua literal. A formação gráfica. A época. Os testemunhos.

Dia 9, 16 horas — Textos hebreu e arameu. Textos gregos. Textos latinos. Textos siríacos. Textos coptos.

Dia 16, 16 horas — Onciais gregos. Variantes. Textos reconstituídos. Textos recaptos. O texto mais antigo.

Dia 23, 16 horas — Onciais Latinos. Variantes. Textos velhos. Texto secundum. Hieronimi. Vulgata. Autêntica. Edição Sixtina Clemantina e críticas.

Dia 30, 16 horas — Fixação do Cânon. Definição de Trento, Canônicos, Dentero — canônicos apócrifos.

Junho, 6, 16 horas — Prática do Evangelho. Teoria das «Duas Fontes», Marcos, Mateus, Lucas.

Dia 13, 16 horas — Cronologia. Metodologia. Sinopse. Harmonística. Crítica.

Dia 20, 16 horas — João, Pedro, Paulo. Apóstolos. Discípulos.

Expositor, Dr. CANUTO DE ABREU

Dia 27, 16 horas — O cristão no lar.

Julho, 4, 16 horas — O cristão no meio religioso.

Dia 11, 16 horas — O cristão no meio profano.

Férias

Agosto, 1, 16 horas — O cristão e seus recursos.

Expositor, BENEDITO DE GODOY PAIVA

Dia 8, 16 horas — Vontade.

« 15 « « — Oração.

« 22 « « — Perseverança.

« 29 « « — Auto-Educação.

Expositor, PEDRO DE CAMARGO (Vinicius)

Setembro, 5, 16 horas — Auto-Educação. Domínio do Eu. A oração. Fé em si próprio.

Dia 12, 16 horas — Os instintos. Temperança. Os bons atos. Boas leituras. A sabedoria.

Dia 19, 16 horas — A Esperança.

Pensamentos, palavras e ações. Prudência e equilíbrio.

Dia 26, 16 horas — Auto-domínio. Coragem. Bondade. Justiça. Caridade.

Expositora, IRACEMA DE ALMEIDA

Abril de 1952 — Cte. EDGARD ARMOND.

Secretário-Geral.

Conselho Federativo Nacional

Súmula da Ata da Sessão de 3 de Maio de 1952

Expediente — São lidos: Ofício da Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro, comunicando a eleição de sua nova Diretoria, para o período de 1952-1953; Carta da União Espírita Bahiana, comunicando ter comparecido ao II Congresso das Juventudes Espíritas Nordestinas e deliberado fundar um curso de Esperanto em sua sede.

Rio Grande do Norte — Ismael Gomes Braga relata, verbalmente, o êxito das comemorações de «O Livro dos Espíritos» e do Codificador Allan Kardec e comunica ao Conselho que, por necessidade de tempo, para atender a maiores encargos no setor esperantista, solicitou ao colega 3.º Secretário, Manoel Bernardino, assumir os trabalhos de redação da ata e respectivo expediente.

Rio Grande do Sul — O Representante Coronel Severino Cunha apresenta um telegrama da Federação do Rio Grande do Sul, compartilhando das homenagens e da saudade causada pela desencarnação do Dr. Lins de Vasconcellos.

Ceará — Henrique Magalhães apresenta o relatório da Legião Espírita Feminina, de Fortaleza: Estatutos da Manjedoura do Cristo; boletim RENOVAÇÃO n. 1, de Janeiro último, e informações sobre as entidades: Casa de Saúde e Ambulatório Psiquiátrico «Antonio de Paula», Legião Espírita Feminina, Grupo Espírita «Paulo e Estevão», todos de Fortaleza.

Desaprovação, junto à Onu, da Eutanásia — O Dr. Francisco Gonçalves, representante do Espírito Santo, apresenta ao Conselho o trabalho que, em comissão com o Dr. Miranda Ludolf, elaborou, para ser enviado à ONU, de-

saprovando a adoção da eutanásia. O trabalho foi unânimemente aprovado.

V Concentração de Mocidades e Juventudes Espíritas do Brasil Central — Atlas de Castro comunica que representou a Federação Espírita Brasileira, o Conselho Federativo e o Departamento de Juventudes da FEB na V Concentração de Mocidades e Juventudes Espíritas do Brasil Central e Estado de São Paulo, realizada em Campinas, entre 10 e 13 de Abril último, à qual compareceram 35 cidades de São Paulo e 5 de Minas Gerais. Decorreu a Concentração em ambiente de franca animação e intensa fraternidade, sendo marcada a próxima reunião, para o ano de 1953, em Uberlândia, Minas Gerais.

Normas para o Funcionamento dos Centros Espíritas — Iniciado o estudo do preâmbulo, foi adiada a continuação, por falta de tempo.

Liga Espírita do Estado de São Paulo

Numa atmosfera de verdadeira solidariedade Cristã, foram empossados no dia 23 de Maio último os membros que compõe a nova Diretoria Executiva e Conselho Deliberativo da «Liga Espírita do Estado de São Paulo», cujas eleições foram realizadas em Assembléia Geral, no dia 22 do mesmo mês. Diretoria essa que ficou assim constituída:

Diretoria Executiva :

Presidente, Antenor Ramos (reeleito); Vice-Presidente, Eurico Rodrigues; 1.º Secretário, João Vieira da Silva; 2.º, Gastão Pezzole; 1.º Tesoureiro, Francisco Alpiste Gomes (reeleito); 2.º, Izidoro Dias Lopes; Diretor de Assistência Social, Hernani Monteiro de Barros; Diretor de Divulgação e Cultura, Fulvio Gonsales.

Conselho Deliberativo :

Presidente, Flaminio Mariano de Oliveira; Conselheiros: Artur de Souza Reis, Cap. Guilherme Faria, João Chamba, Francisco Batista, Alfredo Mariano de Oliveira, João Martins Maia, Amadeu Luiz Adriano, Henrique Avalone.

A serviço da Doutrina

Comunicado do nosso representante em viagem, sr. Onofre Batista :

Na minha última excursão fiz palestras nas seguintes cidades do Paraná:

Londrina ; Falei na União Espírita de Londrina e num Centro Espírita da Selva. Formamos uma caravana e fomos no 8.º aniversário do desencarne da irmã Candida Gonçalves, progenitora do confrade Hugo Gonçalves.

Rolandia : Falei no Centro Esp. «Ismael». A propaganda, que é dirigida pelo confrade Vicente Esteves Ferreira, vai muito bem.

São Martins : A convite do confrade Ettore Martini, fundador da cidade e do Centro Espírita de São Martins, formamos uma caravana em Rolandia e fomos a São Martins, onde fizemos palestras.

Cambé : Falei no Centro Espírita «Amor e Verdade», dirigido pelo confrade Walfredo Gomes; no Grupo Verdade e Luz», tenda nova, fundada pelo confrade Arthur Bocate, e no Centro Esp. «Allan Kardec», dirigido pelo confrade Luiz Picinim. A Diretoria do Grupo «Verdade e Luz» está assim constituída: pres., Americo Deolindo Garla; vice, Eduardo Gomes Reis; 1.º secr., Reinaldo Bocatto; 2.º secr., Pedro Bernardi; 1.º tes., Luiz de Oliveira; 2.º tes., Arthur Passoni.

Cambará : Eu e o Dr. Fenelon Barbosa falamos no Centro Esp. «Flamarion», que é dirigido pela confreira Cecilia Ferreira, ótimo elemento.

Cornélio Procópio : Já foi inaugurado o novo asilo, que já está dando abrigo a um punhado de velhinhos. Tem duas salas com capacidade para 50 pessoas, obra elegante e moderna, idealizada pelo inesquecível companheiro que já se encontra do lado de lá, Antonio Augusto de Oliveira. O Centro Esp. «Redenção» é também obra dêle. O seu filho e nosso companheiro Mozart de Oliveira Valim, o está substituindo muito bem. Fiz palestras nêsse Centro e no Asilo, onde participei de uma refeição. Fiz palestra num Centro da roça, o Grupo Esp. «Redenção», de Arapuá, de que é presidente o confrade Andyara Trench.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
Interpretação do Apocalipse
Caminho, Verdade e Vida
Pão Nosso
Na Seára do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Espiritismo

Vários assuntos:

Umbanda em Julgamento
O Destino Humano
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Materia ou Espírito?
Ciência Metapsíquica
Espiritismo e Loucura
Visões Grandiosas nos Ares
O Espiritismo e os Problemas Humanos
A Vida no Outro Mundo
Fenômenos de «Transporte»
Espiritismo e Medicina
Novos Rumos à Medicina 1.º e 2.º vs.
Ciëntismo e Espiritismo
O Homem colaborador de Deus
Sessões Práticas do Espiritismo
No Invisível
Além das Fronteiras do Mundo

Romances:

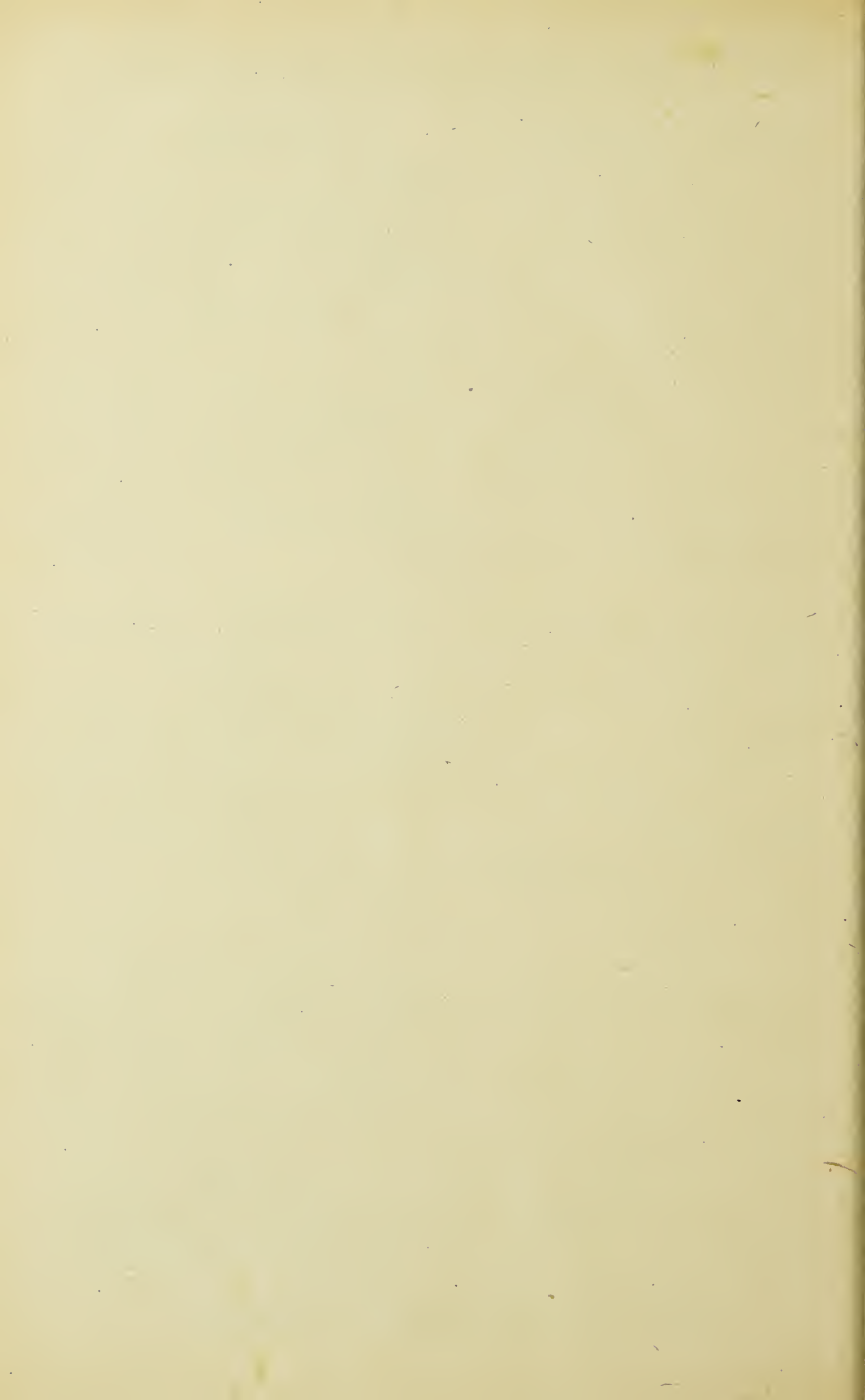
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Redenção
Caminho do Meio (O)
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Spiritus Maledictus
Vingança do Judeu (A)
Expição
Cruzada Redentora
Mireta
Herculanum
Almas que Voltam
Herança do Pecado
Lidia
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Redenção
Reis, Príncipes e Imperadores

Infantis:

Os Milagres de Jesus
Os Dez Mandamentos
Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Didaquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
Mensagem do Pequeno Morto
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças
História de Catarina

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE À VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»—Caixa Postal, 11 MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.



Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho

Redator: A. Watson Campêlo

Redação e Administração
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias*, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples	Cr.\$ 40,00
	Semestre	— " "	20,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada	50,00
	Semestre	— " "	25,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples	45,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada	60,00

NUMERO AVULSO CR. \$ 3,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente
A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira
Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

